

A Crítica de Siegfried Kracauer ao “Romance-Reportagem”

Professor Dr. Carlos Eduardo Jordão Machado (UNESP)

Resumo:

*Siegfried Kracauer publicou uma série de artigos entre o final de 1929 e o início de 1930, reunida em livro no mesmo ano sob o título *Die Angestellten* (Os empregados). Nele apresenta uma análise extremamente original desse novo tipo de trabalhador assalariado, que vai estar na base de sua interpretação do Nazi-Fascismo desenvolvida no exílio a partir de 1933. O livro também apresenta uma crítica do romance-reportagem muito importante para entendermos o que ele chama de **literatura sociológica**. Aqui aproximamos essa crítica da discussão ocorrida na mesma época na revista berlinense, *Die Linkskurve* (Guinada à esquerda), ou melhor, comparamos os argumentos de Kracauer aos de Georg Lukács – figura de proa entre os dirigentes da revista.*

Palavras-chave: Siegfried Kracauer; República de Weimar; Romance-Reportagem; *Die Linkskurve* (Guinada à esquerda); Georg Lukács.

Esse capítulo faz parte de um estudo mais amplo sobre Os empregados, livro que Kracauer publicou entre 1929-30, no qual apresenta uma análise extremamente original desse novo tipo de trabalhador assalariado, o empregado - balconistas do comércio, datilógrafas, funcionários de banco e do comércio e da burocracia em geral -, componente de proa da chamada “nova classe média”, que vai ter um papel essencial, pela “falsa consciência” que expressam, no processo de ascensão do Nacional-Socialismo e que ocupa um lugar chave na análise que Kracauer desenvolveu no exílio, ao longo dos anos trinta e quarenta do séc. XX, sobre o nazi-fascismo e seus mecanismos de propaganda e manipulação das massas.

No capítulo introdutório a *Os empregados*, Kracauer indaga se a realidade que pretende apresentar poderia ser captada por meio da reportagem comum:

De alguns anos para cá a reportagem desfruta, na Alemanha, um lugar preferencial entre todas as formas de exposição, pois somente ela – diz-se – pode apoderar-se da vida em toda sua fluidez. Os escritores não conhecem praticamente uma ambição maior que a de informar; a reprodução do observado é o triunfo, o que justamente conta (KRACAUER, 1971, p.15).

Como reação ao idealismo desbotado e desnutrido é, segundo ele, uma reação justificada, mas não mais do que isto. “Cem informes sobre uma fábrica não podem ser somados até construir a realidade da fábrica, senão que seguem sendo, eternamente, cem modos de ver a fábrica” (KRACAUER, 1971, p.16) Sua posição é sutil, não se trata nem da abstratividade de conceitos que não dão conta da realidade, tampouco do registro do imediato, da mera empiria, do factual. E acrescenta numa frase programática: “A realidade é uma construção. Certamente a vida deve ser observada a fim de que a realidade se apresente na exposição” (ibid). E aproxima a reportagem da fotografia, nos mesmos termos de seu ensaio pioneiro de 1927, quando compara o registro fotográfico ao método do historicismo, ao tentar “fazer uma fotografia do tempo” (KRACAUER, 1977, p. 24). O resultado seria um mosaico de partes desconectada sem visão do todo, uma mera

somatória de partes desconexas¹. Essa forma de escrita chegou obter certa popularidade na ocasião entre os escritores de esquerda. Se Kracauer diferencia concretamente sua forma expositiva, o que define como “literatura sociológica”², da mera reportagem, não abrindo mão da apreensão sensível e materialista do “mundo das coisas”, é em outro ensaio de junho de 1932, no qual se posiciona de modo inequívoco diante do “romance-reportagem”: *Zu einem Roman aus der Konfektion. Nebst einem Exkurs über die soziale Romanreportage* (Sobre um romance da confecção. Juntamente com uma digressão sobre o romance de reportagem social) (KRACAUER, 1990, pp. 75-79).

1

Kracauer escreveu uma resenha a propósito do romance de Werner Turk, intitulado *Konfektion* (A confecção), e faz uma digressão crítica sobre o romance-reportagem, que é o mais importante aqui. Para Kracauer, Turk tem a qualidade de elaborar literariamente um âmbito da realidade de Berlim que, todavia, ainda não havia sido objeto de configuração. Tem a vantagem de não por em cena “manequins”, mas personagens vivos, diferenciando daqueles nos quais o plano de fundo permanece sendo mero plano de fundo da narrativa, como, por exemplo, alguns romances que enfocam a guerra como mero pretexto para uma historietinha de amor etc. Assim configura uma constelação de personagens: o chefe e seus intermediários, o viajante, os aprendizes, os servidores que não são narrados de fora, meramente do exterior, mas dentro mesmo de seu âmbito de ação, construindo uma topografia viva com sua linguagem e hábitos próprios que dominam este mundo que é narrado. Possibilitando uma aprendizagem ao leitor. Sua tendência é radical sem ser um romance-reportagem social de tendência. Neste ponto Kracauer explicita melhor sua posição.

Segundo Kracauer: “A **descrição de situações sociais críticas adornadas na forma de romance**, que tem dominado entre nós nos últimos anos, é uma **forma mista infrutífera** (*unfruchtbare Mischform*)” (Negrito do autor, KRACAUER, 1990, p.76). Pois além de não se adentrar apropriadamente nas situações que descreve não corresponde muito menos às exigências do romance enquanto tal. É o que chama de “**vivificação da ciência**” (*Verlebendigung der Wissenschaft*) (ibid). O que significa isto? Para Kracauer, trata-se de uma tentativa vã, diante do descrédito da ciência acredita-se ser possível preencher o vazio dessa com a vida, ou seja, fazer a mediação da ciência com a “vida”. O resultado não pode ser diferente: retira-se a objetividade dos conceitos, por um lado, e a dinâmica da expressão por outro. Nas suas palavras:

Populariza-se esta [a ciência –CEJM] em vez de se educar com ela; esta é atualizada, em vez de apreender conceitualmente a atualidade (...). Para esses escritores, acrescenta: a tarefa de analisar nossas relações sociais na forma de ensaios e de obras científicas lhes parece muito seca, assim configuram seu material preferencialmente na forma de romances. Supondo que esse método é mais fácil de aplicar e freqüentemente mais imaginável; mas esse permanece bem atrás do valor documental e das possibilidades de intervenção autêntica da análise exata (KRACAUER, 1990, pp.76-77).

Ou seja, falha na conceituação e na caracterização literária. Não conquista nenhum território novo, ficando atrás da investigação sistemática. Do ponto de vista literário o defeito é ainda maior:

¹ Sem refutar a montagem como método de configuração artística, sobretudo no cinema, no qual é inimaginável sem a montagem, vendo nos soviéticos, os mestres, no uso deste método, no entanto, para Kracauer o calcanhar de Aquiles do filme de Ruttmann, *Berlin*, se mostra justamente neste aspecto, a falta de conexão entre as partes.

² Faço uma aproximação entre a escrita da “literatura sociológica” (Kracauer), da “montagem literária” (Benjamin) e do “pensar fabulante” (Bloch): “A crítica (materialista) do mundo (descontínuo) das coisas” (VEDDA, 2007, pp. 25-31).

as tendências e situação não provêm da “configuração épica” [*epischen Gestaltung*], mas tornam-se meros exemplos para “vivificação” do material: “a maioria dos... romances-reportagem padecem dos defeitos da aparência de concreticidade [*Scheinkonkretheit*” (KRACAUER, 1990, p.77)]. Seus homens não são homens realmente dados na e pela experiência vital, mas “bonecos” [*Puppen*] (Ibid). Cita um exemplo de memória, um romance que lera recentemente, no qual a palavra “pequeno burguês” [*Kleinbürger*] é utilizada e perpassa toda a narrativa. O termo serve para uma caracterização ingênua de um indivíduo qualquer ou de um grupo de pessoas. Certamente a expressão pertence a uma esfera teórica, na qual possui um significado enquanto definição. Mas na narrativa o “pequeno burguês” não vem caracterizado enquanto tal, mas o pequeno burguês é simplesmente pequeno burguês, ou seja, ele é tendenciosamente [*tendenziös*] (KRACAUER, 1990, p.78) pequeno-burguês. Como Kracauer sintetiza: “o romance-reportagem falha tanto diante da representação dos fatos como das exigências expressivas do romance enquanto forma. Movimenta-se impotente entre ciência e configuração épica, descoberta e documentário” (ibid). Kracauer tem em mente uma “literatura sociológica”, seus escritos sobre cidade, para não falar de sua crítica de cinema, e, sobretudo, “Os empregados” são exemplos, mas, para isso ele não oferece nenhuma “receita”.

Agora, cabe abrir um parêntese, a polêmica sobre o romance-reportagem na revista berlinesa *Die Linkskurve* (Guinada à esquerda).

2

Em outubro de 1928 se constituiu a Federação de Escritores Proletários-Revolucionários [*Bund proletarisch-revolutionärer Schriftsteller*] com hegemonia dos comunistas, Johannes Bechher na frente, a revista *Die Linkskurve* [Guinada à esquerda] era o órgão oficial da Federação que durou de agosto de 1929 a novembro-dezembro de 1932, publicando ainda em fevereiro de 1933 um número de seu boletim *Der Oppositionelle Schriftsteller* [O escritor de oposição]. Helga Gallas divide a curta trajetória da revista em quatro fases. A primeira de agosto de 1929 a meados de 1930, caracterizada pelo distanciamento em relação aos escritores burgueses de esquerda e a favor dos operários; a segunda de meados de 1930 a setembro de 1931, a direção se posiciona contra o “obreirismo” da fase anterior e se coloca a tarefa de elaborar uma teoria literária inspirada em Hegel; a terceira de junho de 1931 a meados de 1932, há uma tentativa de harmonização de ambas tendências; e finalmente a última fase que se estende até dezembro de 1932, na qual há um rechaço das novas técnicas literárias e há a reivindicação da continuidade da tradição literária clássica³. Aqui nos interessa destacar a participação de Georg Lukács que ingressa ativamente na revista a partir de junho de 1931, transferindo-se de Moscou para Berlim, sobretudo em relação à sua crítica ao romance-reportagem: *Reportage oder Gestaltung? Kritische Bemerkungen anlässlich des Romans von Ottwalt* [Reportagem ou configuração. Observações críticas a propósito do romance de Ottwalt], publicado na revista nos números 7 e 8/1932⁴, mostrando certa proximidade de sua crítica em algumas questões determinadas com os argumentos de Kracauer e vice versa.

Para Lukács, o romance de Ottwalt, *Denn sie wissen, was sie tun. Ein deutscher Justiz-Roman* [Então eles sabem o que fazem. Um romance-justiça alemão] (1931) é representativo de toda uma

³ Ver a história detalhada da revista: “A Federação de Escritores Proletários- Revolucionários e seu órgão *Die Linkskurve*” (Guinada à esquerda) GALLAS, 1973, pp.25-56

⁴ Lukács publica na revista um total de 7 ensaios: *Tendenz oder Parteilichkeit* [Tendência ou partidarismo]; *Wille Breuels Romane* [Os romances de Wille Bredel]; *Reportage oder Gestaltung* [Reportagem ou configuração]; *Aus der Not eine Tugend* [Da necessidade uma virtude]; *Der faschisierte Goethe* [O Goethe fascicizado]. Todos eles reunidos e exhaustivamente analisados in KLEIN, 1990. Lukács que durante os anos vinte escreveu esporadicamente sobre estética e literatura (Ver LÖWY, 1978). Löwy reúne os artigos publicados na Revista *Die Rote Fahne* (Bandeira vermelha), passa a se ocupar intensivamente sobre o tema a partir dos anos 30 do século XX.

tendência literária, de um determinado “método de criação” (KLEIN, 1990, p.395) . A reportagem aparece como uma alternativa aos meios tradicionais, envelhecidos, burgueses: “Hoje em dia esta direção se encontra amplamente difundida: desde Upton Sinclair e Tretiakov a Ilia Ehrenburg, os mais diversos escritores utilizam esse método. Em certo aspecto Zola era já um de seus antepassados (...)” (ibid). Aqui Lukács lança seus argumentos que vão estar na base de sua crítica não só da reportagem, mas da produção de vanguarda em geral, que é a aproximação dessa tendência ao naturalismo, tendo a literatura de Emil Zola como precursor. Já chegamos a analisar os argumentos de Lukács em outra ocasião⁵. Aqui cabe apenas destacar de que modo os argumentos de Lukács em relação à interpretação da arte, em particular à questão do significado e ao modo de configuração, Kracauer chamaria de caracterização, do indivíduo no romance e no romance-reportagem estão de acordo com os argumentos de Kracauer. Obviamente, Lukács vê na reportagem uma forma absolutamente justificada e indispensável na publicística:

Na verdadeira reportagem se representam o caso individual, o fato, numa segunda vivência [*Nacherlebbarkeit*] completamente sensível, concreta e individualizada ... Este caso individual representado e eventualmente configurado é aqui apenas um **exemplo e ilustração** para a conexão geral, apresentada de forma mais ou menos científica, mas em todo caso **conceitualmente** documentada (sobre base estatística), e motivada pelo entendimento discursivo (KLEIN, 1990, p. 364)

A reportagem jornalística não pode prescindir da utilização de conceito, sem o qual se torna impossível estabelecer conexões entre o particular e o geral: “A concreção da reportagem como toda reprodução conceitual (científica) só se completa com o descobrimento da exposição conceitual das causas e conexões” (KLEIN, 1990, pp.365-6).

A situação muda quando a reportagem passa ter pretensões “artísticas”. Pois, segundo Lukács, os métodos científicos e artísticos são distintos, “se excluem mutuamente”:

Uma representação ‘artística’ com fins científicos será sempre uma pseudo-ciência como uma pseudo-arte, do mesmo modo que uma solução ‘científica’ das tarefas especificamente artísticas trará como resultado uma pseudo-ciência pelo seu conteúdo e uma pseudo-arte no aspecto formal” (KLEIN, 1990, p.366).

Além das críticas dirigidas ao parceiro de Brecht no filme *Kuhle-Wamp oder: wem gehört die Welt?* (Barrigas frias ou A quem pertence o mundo?), Ottwalt, merece nossa atenção seus comentários em relação à produção literária do escritor soviético, Tretiakov. O calcanhar de Aquiles desse “método de configuração”, segundo Lukács, se mostra no modo insuficiente de caracterização dos personagens individuais e seus destinos, ou seja, na sua incapacidade de configurar indivíduos “típicos” em situações igualmente “típicas”, conceituação que Lukács passa adotar em seus argumentos e que constitui um dos pilares de sua teoria literária – a tipicidade. Segundo Lukács:

Todos os representantes desse método mostram a mesma indiferença da representação diante o objeto representado. Em Tretiakov, por exemplo, aparece ainda de forma mais acentuada do que em Ottwalt. Tretiakov conta,... em seu último romance (*Den-Schi-Chua*, CEJM) a vida de um revolucionário chinês na forma de uma autobiografia. Mas o narrador tem entre cinco e seis anos na época em que seu pai, partidário de Sun-Yat-Sem, retorna ao lar e participa na organização da revolução chinesa. O menino pode participar duma reunião. Nela, seu pai faz uma análise das diferentes correntes dentro do partido revolucionário e analisa seus fundamentos sociais. (LUKÁCS, 1990, p.379).

⁵ Ver “Considerações sobre a trajetória político-intelectual de Lukács na década de 1930” (MACHADO, 1998, pp.21-48).

Há uma ausência de concatenação das cenas e dos personagens, os detalhes ganham autonomia e se desfaz a unidade entre forma e conteúdo, acrescenta: “a maneira de representar não guarda nenhuma relação com o representado” (ibid).

3

Pode parecer à primeira vista que estamos forçando a mão ao aproximar os argumentos de Kracauer aos de Lukács ao criticar o romance-reportagem como uma pseudo-ciência e uma pseudo-arte, ao ser insuficiente conceitualmente e ao mesmo tempo incapaz de responder questões formais do ponto de vista literário⁶. Mas não somos os únicos a fazer isto. Inka Mülder-Bach em seu livro pioneiro de 1985, *Siegfried Kracauer - Grenzgänger zwischen Theorie und Literatur. Seine frühen Schriften 1913-1933* [Siegfried Kracauer – Percursos limite entre teoria e literatura. Seus escritos de juventude 1913-1933], mostra que Kracauer um pouco antes do debate entre Lukács e Ottwalt já havia formulado uma crítica radical ao romance reportagem, na digressão já citada por nós, como uma “forma mista infrutífera”, sendo incapaz de responder seja as exigências científicas seja as artísticas. Observa em uma nota:

Apesar das diferentes exigências de esclarecimento, de visões político-literárias e de interpretação da arte Lukács e Kracauer concordam em relação a algumas questões importantes, particularmente em relação à questão sobre o significado e ao modo de configuração do indivíduo no romance e no romance reportagem. Ambos limitam o ‘tipicamente poético’ do exemplar na reportagem (MÜLDER-BACH, 1985, p.197), .

Só que enquanto Lukács se expressa conceitualmente, Kracauer o faz por meio de exemplos. Na verdade, Kracauer transpõe para as páginas de um jornal de centro-esquerda, o *Frankfurter Zeitung* (Jornal de Frankfurt), que na ocasião passava por uma crise financeira e de orientação política, uma polêmica que estava ocorrendo entre os escritores de esquerda, dando expressão mesma a um processo próprio e peculiar de radicalização política.

Seus artigos deste período de véspera da ascensão política do Nacional-Socialismo geraram uma sucessão de mal-entendidos, por exemplo, os que escreveu sobre Tretriakov e, antes de tudo, sobre a proibição (04/1932) de *Kuhle-Wamp oder: wem gehört die Welt?* [Barrigas frias ou A quem pertence o mundo?] (KRACAUER, 2004, pp.50-55) - filme dirigido pelo búlgaro Slatan Dudow, com roteiro de Bertolt Brecht, Ernst Ottwalt, Slatan Dudow e música de Hanns Eisler - que provocou quase uma ruptura na amizade com Ernst Bloch, conforme podemos acompanhar na correspondência entre ambos. Essa polêmica é o que chamamos em nosso estudo de “caso Brecht”. Mas isso já é assunto para outra ocasião.

Referências bibliográficas:

- Gallas, Helga. *Teoría marxista de la literatura* (Teoria marxista da literatura). Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1973
- Klein, Alfred. *Georg Lukács in Berlin. Literaturtheorie und Literaturpolitik der Jahre 1930-32.* (Georg Lukács em Berlim. Teoria literária e política literária dos anos 1930-32) Berlin: Aufbau, 1990
- Kracauer, Siegfried. *Die Angestellten* (Os empregados), Frankfurt aM: Suhrkamp, 1971

⁶ Sobre a recepção sempre crítica de Kracauer da obra de Lukács (MACHADO, 2007, pp.181-207)

- Kracauer, Siegfried. *Die Photographie* (A fotografia) in Kracauer, Siegfried. *Das Ornament der Masse*. (O ornamento da massa). Frankfurt aM: Suhrkamp, 1977.
- Kracauer, Siegfried. *Schriften* 5-3. [Escritos]. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1990, pp.75-79
- Kracauer, Siegfried, *Kleine Schriften zum Film*. (Artigos sobre cinema).Vol. 6-3, Frankfurt aM: Suhrkamp, 2004
- Löwy, Michael. *György Lukács. Littérature, philosophie, marxisme (1922-1923)* (Georg Lukács. Literatura, filosofia, marxismo). Paris: PUF, 1978.
- Machado, Carlos Eduardo J. “A crítica (materialista) do mundo (descontínuo) das coisas” in Vedda, Miguel (org). *Aproximaciones a Walter Benjamin* (Aproximações a Walter Benjamin) (vol 2). *Cadernos de Herramienta 4* (Cadernos de Herramienta). Buenos Aires: Herramienta, 2007, pp. 25-31.
- Machado, Carlos Eduardo J. “A exterritorialidade como condição do apátrida transcendental. Sobre Siegfried Kracauer e Georg Lukács” in *Significação* 27. São Paulo: ECA/Ana Blume, 2007, pp.181
- Machado, Carlos Eduardo J. *O debate sobre o expressionismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998
- Mülder – Bach, Inka. *Siegfried Kracauer. Grenzgänger zwischen Theorie und Literatur. Seine frühen Schrifte 1913-1933* (Siegfried Kracauer. Percursos limite entre teoria e literatura. Seus escritos de juventude 1913-1933). Stuttgart: Metzler, 1985

Sobre o autor:

Prof. Dr. Carlos Eduardo Jordão Machado

Professor de História da Filosofia e História da Arte, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Departamento de História
E-mail: machado@assis.unesp.br